



Estágio Supervisionado em Arte: um relato de experiência no projeto Mais Educação

Bruno Parisoto¹

bruno.parisoto1@gmail.com

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Resumo: Este relato apresenta a experiência do estágio supervisionado em arte: princípios e procedimentos, componente curricular comum de quatro licenciaturas - Música, Teatro, Dança e Artes Visuais - do quinto semestre da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Neste componente são formados grupos de professores-estagiários, das diferentes áreas, que devem construir, de forma interdisciplinar, uma proposta de 12h/aula para um grupo de ensino formal ou não formal, neste caso foi escolhida a turma de Artes do projeto Mais Educação da Escola Estadual de Ensino Fundamental Adelaide Sá Brito, com faixa etária de 10 a 14 anos e um total de 15 estudantes. Foram ministradas oito aulas de 1h30min, orientadas pelas professoras Marli Susana Carrard Sitta e Cristina Bertoni dos Santos. Os temas abordados no estágio foram: Autonomia, Identidades e Espaço, objetivando alcançar determinada independência dos estudantes nos seus processos criativos em sala de aula. A proposta se baseia em perspectivas contemporâneas de ensino-aprendizagem da Arte-Educação, trazendo como referenciais, principalmente, a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa e o Tripé Arte-Ensino-Sociedade de Isabel Marques. Concluo que a experiência teve relevância no momento em que proporcionou reflexões metodológicas, de forma a estar articulando em um mesmo planejamento diferentes áreas de conhecimento, com um foco em comum: o conteúdo.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; metodologias; arte-educação.

Informações gerais

O estágio supervisionado em arte: princípios e procedimentos é um componente curricular do quinto semestre, comum a todos os cursos de licenciatura em arte da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Sua proposta é estar articulando, de forma interdisciplinar, quatro áreas da Arte (Música, Dança, Artes Visuais e Teatro), construindo, entre grupos de estagiários, 12h de aula para diferentes instituições, podendo optar por ensino formal ou não formal. O grupo que aqui relata possuía quatro integrantes, um de cada área da Arte. O local escolhido foi o Projeto Mais Educação da Escola Estadual de Ensino Fundamental Adelaide Sá

¹ Graduando em Dança: Licenciatura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, possui cursos nas áreas da dança, teatro e música. Atualmente é monitor bolsista do componente curricular de Elementos Musicais para Dança, bolsista voluntário de Metodologia e Prática de Ensino da Dança II. Integra em dois projetos de extensão como bailarino (Transeuntes) e como professor (Compartilhando Vivências), atuou como bolsista de iniciação à docência – PIBID no primeiro semestre de 2014.



Brito, em Montenegro. A orientação foi conduzida pelas professoras Marli Susana Carrard Sitta e Cristina Bertoni dos Santos.

Adentrando o espaço – primeiras observações

O estágio possuiu como função primeira a realização de duas observações na turma que prestará o estágio, a primeira foi possível que fizéssemos juntos, e a segunda nos dispersamos e assistimos a aulas, da mesma turma², em dias diferentes. Dentre as observações³ percebi uma organização espacial tradicional, onde cada estudante sentava-se atrás do outro em classes, e realizavam suas atividades sem sair destas. O contato entre estudantes era muito pequeno, no máximo para pedir materiais emprestados. A turma trabalhava com desenho, mais especificamente com as proporções do mangá. A maioria dos estudantes mostravam-se interessados na proposta, principalmente pelo fato de mangá fazer parte de seus cotidianos. Em outro momento a professora introduziu questões de concreto e abstrato, e percebi certa dificuldade para entendimento do assunto. Nota-se que os estudantes possuíam receios quanto o seguimento de atividades, principalmente de desenho, e precisavam constantemente da professora para poderem prosseguir, usavam-se de questionamentos como: “- Assim tá bom?”. “- Tô fazendo direito?”. “- Como se faz uma cabeça?”. “- Depois da cabeça tenho que desenhar o quê?”.

Interferindo no espaço – primeiras ações.

Dentre as instigações analisadas nas observações o grupo decidiu trabalhar, principalmente, com questões de Espaço, Identidades e Autonomia nos processos de criação dos estudantes, em sala de aula. A proposta constituiu-se de oito aulas de uma hora e meia, onde articulávamos, a partir de planejamentos previamente discutidos, as quatro áreas da Arte, sobre os temas escolhidos. Dentre as atividades iniciávamos as atividades sempre explicando o que faríamos naquele dia, depois

² Turma do Projeto Mais Educação de Artes – Aulas Quartas e Quintas-Feiras das 14h às 15h30min. Faixa etária de 10 a 14 anos.

³ A partir desde momento passo a utilizar a primeira pessoa do singular, levando em conta que estarei trazendo minhas experiências, análises e interpretações do estágio. Todavia, enfatizo que todas as decisões tomadas foram discutidas em grupo.



partíamos para mobilização das classes e organização do espaço na sala para atividades físicas e construção de novas formas de usar aquele espaço que não como os estudantes estavam habituados. Isto construiu uma relação muito próxima ao ritual, um momento inicial onde o espaço era modificado para permitir a criação, e ao término um momento de reconstruir o espaço inicial (tradicional), considero essa pequena ação nossa primeira interferência naquele meio.

As atividades englobaram trabalhos com elementos de ritmo, teatro de sombras, desenho de sombra/luz, ritmos corporais, escultura, jogos de improvisação, maquiagem, rap, construção de cartazes, experimentação de materiais diversos, etc. De forma geral, as aulas estruturavam-se da seguinte forma: Apresentação das propostas do dia; Organização da sala; Alongamento; Atividades planejadas; Avaliação; Organização da sala. A avaliação muitas vezes acontecia de forma mais subjetiva, analisando questões como participação em aula, curiosidade nas propostas apresentadas, relações de grupo, etc.

Entretanto, foi possível em determinados momentos materializar alguns instrumentos avaliativos, como cartas de recomendações e apreciação da aula que pedimos que os estudantes escrevessem para nós, escrita (com giz) de palavras, sobre a experiência do dia, no quadro da sala, dentre outras.

As aulas eram teórico-práticas, com ênfase na prática, e buscava principalmente estar articulando os três vértices (Apreciar – Contextualizar – Fazer) expostos por Ana Mae Barbosa, expandindo-os a um contexto maior, a partir dos vértices (Arte – Ensino – Sociedade) propostos pela Isabel Marques, formavam-se assim os dois triângulos fundadores de nossa prática no estágio. Quanto ao primeiro triângulo Rizzi (2008) esclarece que:

[...] A Abordagem Triangular do Ensino da Arte postula que a construção de conhecimento em arte acontece quando há o cruzamento entre experimentação, codificação e informação. Considera como sendo seu objeto de conhecimento, a pesquisa e a compreensão das questões que envolvem o modo de inter-relacionamento entre arte e público. [...] Esta abordagem propõe que a composição do programa de ensino de arte seja elaborada a partir das três ações básicas que executamos quando nos relacionamos com arte. São elas: fazer arte, contextualizar [...] e ler obras de arte. (RIZZI, 2008, p.337).

Quanto ao segundo triângulo Marques (2010), defende que:



A proposta metodológica da Dança no Contexto permite e enfatiza a construção de redes de relações, de tessituras múltiplas e abertas entre os saberes específicos da dança (vértice da Arte) e as relações desses saberes com os atores sociais (vértice do Ensino) que vivem no mundo e com ele dialogam (vértice da Sociedade). (MARQUES, 2010, p.145).

Tempo e espaço tornaram-se ferramentas para o pensar pedagógico, deste estágio, e a amplitude das relações no ambiente escolar, isto é, entre o estudante e a vida cotidiana diversas linhas se entrecruzam e tecem as possibilidades de aprendizagem. Realidade. Contexto. Individualidades – Identidades. Autonomia.

Deste modo [...] problematizamos a possibilidade de viver o momento, de relativizar o tempo, de não prescrever disciplinas, de enfatizar a relação corporal consigo próprio e com o outro como vetor de um tempo contínuo, dinâmico, internalizado e sentido. Seria interessante problematizarmos as fronteiras estanques de um espaço restrito, enfatizando a possibilidade da multiplicidade espacial, da presença de corpos que se desdobram e vivem em vários lugares ao mesmo tempo. (MARQUES, 2011, p.72).

Outros autores norteadores das escolhas metodológicas e propostas de atividades foram: Matteo Bonfitto, Lucas Ciavata, Dario Fo, Maria Trench de Oliveira Fonterrada, Christine Greiner, Aline Nogueira Haas, Stuart Hall, Ingrid Dormien Koudela, Roque de Barros Laraia, Denise da Costa Oliveria Siqueira e Cristina Rolim Wolffenbüttel.

(Des) construção do espaço – algumas considerações finais

A experiência deste estágio proporcionou estar pensando o currículo e o planejamento de forma interdisciplinar, e de estar entrando em contato com diferentes áreas de Artes, e suas possibilidades de relação com o mesmo conteúdo. Tornou-se assim muito rico, pois, proporcionava, durante a construção de planejamentos de aula e nas reflexões sobre relatórios, estar pensando diferentes metodologias, pesquisando.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.29).

A construção de caminhos possíveis foi a frase que ficou marcada, e acredito ser a primeira preocupação de qualquer docente, estar se relacionando com o



contexto específico de uma turma e buscar diferentes abordagens, caminhos e instrumentos para alcançar os objetivos determinados, e neste ponto se expõe a necessidade do planejamento, da discussão e do grupo, sem dúvidas a docência compartilhada enriqueceu, para mim, as formas de estar pensando uma aula. Ações ordinárias. Meios extraordinários.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARQUES, Isabel A. *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARQUES, Isabel A. *Linguagem da dança: arte e ensino*. São Paulo: Digitexto, 2010.

RIZZI, Maria Christina S. L. Reflexões sobre a Abordagem Triangular do Ensino da Arte. In BARBOSA, Ana Mae (org.). *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008. P.335-348.